

# Mistagogia no centro da renovação da catequese em Portugal

13 abril 2026 • Olímpia Mairos – Rádio Renascença

Encontro nacional em Aveiro destacou a urgência de passar de uma catequese de conteúdos para uma experiência de fé vivida, centrada no encontro com Cristo e no caminho comunitário.

A Diocese de Aveiro acolheu, de **8 a 10 de abril de 2026**, o **63.º Encontro Nacional de Catequese**, que reuniu cerca de **90 responsáveis diocesanos de todo o país**, para refletir sobre a **mistagogia** e o **caminho de iniciação à vida cristã**.

Sob o tema «A Mistagogia: Caminhar com Cristo, do encontro ao discipulado. “Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no” (Lc 24, 31)», o encontro inseriu-se no processo de **renovação da catequese em Portugal**.

Na abertura dos trabalhos, o presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, **D. António Augusto Azevedo**, afirmou que a Igreja deve **“voltar a uma lógica de mistagogia” no processo catequético**.

“O Itinerário para a catequese é claro na necessidade de recuperarmos este bem para o processo de introdução à fé dos mais novos para que se passe da **lógica escolar**, onde se aprendem muitos conteúdos, para o **tempo de caminho, de descoberta do mistério e do encontro**”, afirmou.

Aos cerca de **90 responsáveis pela catequese nas dioceses de Portugal**, o presidente da CEECDF agradeceu o **“grande número de participantes”**, sustentando que isso **“é um sinal claro do empenho da Igreja em Portugal neste setor”**.

“Estarmos em tão grande número, assinalando já a edição **63 deste Encontro Nacional**, percebemos subjacente um **grande dinamismo**, que se vai mantendo, atualizando e procurando **novos caminhos para dizer a fé** na necessária atualização de linguagem aos tempos que vivemos”, sustentou.

**Catequese deve passar do conteúdo à experiência e unir “coração e caminho”**

Seguiu-se a conferência **«O hiato entre o coração e o caminho – Redescobrir o sentido mistagógico da iniciação cristã»**, pelo padre **José Miguel Cardoso**, sacerdote da Arquidiocese de Braga e colaborador do Dicastério para a Cultura e a Educação do Vaticano.

O padre José Miguel Cardoso defendeu que a catequese deve ir além da **simples transmissão de conteúdos** e tornar-se uma **experiência transformadora de vida**. Partindo da análise de uma pintura que retrata um jogo de xadrez entre o diabo e um jovem, explicou que “a pintura nem é sequer sobre o jogo, mas é sobre aquilo que nós somos, que é uma metáfora da vida”, sublinhando que, apesar da aparente derrota do jovem, **“resta-lhe ainda uma jogada”** e que **“a sua vida não é uma história de pecados, mas é uma história de salvação”**.

Neste contexto, definiu a catequese como **“um encontro que visa dar competências humanas e espirituais, tendo Cristo como modelo de vida”**, acrescentando que procura **“transmitir uma sabedoria que nos permite vencer no xadrez da vida”**.

Distinguindo entre catequese querigmática e mistagógica, afirmou que, enquanto a primeira **“visa transmitir um conteúdo”**, a segunda procura **“dar um passo em frente”**, ou seja, **“transmitir uma experiência”**, permitindo ao crente **“ler e entender a sua vida à luz da fé”**.

Ainda assim, alertou que muitos projetos pastorais falham não por falta de conhecimento ou empenho, mas porque se ignora quem está do outro lado: **“As escolhas falham muitas vezes [...] porque nós esquecemos [...] compreender o destinatário que está à nossa frente”**.

### **Pós-modernidade, relativismo e novas formas de espiritualidade**

Na sua análise da sociedade atual, marcada pela pós-modernidade, o padre José Miguel Cardoso destacou o crescimento do relativismo e da subjetividade, afirmando que “a verdade já não vale pela sua força argumentativa, mas é subjetiva: eu é que sei qual é a minha verdade”.

Apontou também para a emergência de uma espiritualidade desligada da religião institucional, referindo que **“hoje passamos de uma religião institucionalizada a uma religião ‘self-service’”**, onde **“pensa-se Deus a partir da emotividade”**.

Entre as consequências, indicou a **redução da fé ao moralismo** e a **separação entre fé e vida**, sintetizando: **“fazemos uma vida sem teologia e uma teologia sem vida”**.

Neste cenário, considerou que vivemos **“uma nova forma de ateísmo”**, em que “as

peças já não acreditam naquele Deus transcendente, mas acreditam nos ídolos que o mundo produz”.

### **A fé como caminho, pergunta e dinamismo**

O sacerdote sublinhou ainda que a fé deve ser entendida como um processo dinâmico, afirmando que **“a fé não é uma certeza absoluta, mas é uma pergunta permanente. Não é uma meta, mas é um caminho”**.

Para ilustrar esta ideia, recorreu à figura de São Pedro, na qual identificou diferentes formas e etapas da fé, mostrando que **“nem todos têm de acreditar ao mesmo tempo, da mesma forma e pelas mesmas razões”**.

Na parte final da intervenção, deixou orientações práticas para a catequese, defendendo uma pedagogia progressiva inspirada no caminho de Emaús: **“Se a fé é descoberta e não imposição, a catequese deve ser caminho e não doutrinação”**.

Alertou também para três tentações atuais — **“os números”, “os foguetes” e “os likes”** — criticando a preocupação excessiva com resultados imediatos, eventos pontuais ou a necessidade de agradar.

Por fim, destacou que, num mundo marcado pela tecnologia, há uma dimensão insubstituível: **“Na era da tecnocracia e da inteligência artificial, há algo que não se conseguirá replicar: a mistagogia do coração”**, concluindo que **“precisamos de formar a razão e o coração”** e que **“só uma catequese da narrativa, do caminho, tem futuro”**.

### **Mistagogia como caminho de encontro e acompanhamento**

Já o padre **Juan Freitas**, salesiano, na sua conferência **«A Mistagogia: Caminhar com Cristo, do encontro ao discipulado»**, sublinhou que a mistagogia deve ser entendida acima de tudo como **“uma experiência de acompanhamento e descoberta”**, centrada no **encontro pessoal com Cristo**.

**“A mistagogia é isto de acompanhar ao encontro, é esse descobrir Cristo na nossa vida”**, afirmou.

O sacerdote salesiano defendeu que o acompanhamento das novas gerações exige uma **sólida formação pessoal, académica e comunitária**, destacando o papel do catequista como alguém que **vive profundamente a fé que transmite**.

**“O catequista mistagogo é aquele que vive de forma séria a sua fé e que, a partir da sua própria experiência de encontro com Cristo, ajuda os outros a compreender o mistério da vida cristã”, explicou.**

Segundo indicou, esta missão assenta em duas dimensões essenciais: **o testemunho e a interpretação.**

“Por um lado, o catequista é chamado a dar testemunho de um encontro pessoal com Cristo que anima a sua vida; por outro, deve ajudar quem acompanha a compreender o que é este mistério [...]”, sublinhando que este processo acontece sempre **no seio da comunidade cristã.**

### **Mistagogia não é moda, mas tradição viva da Igreja**

Ao longo da intervenção, o conferencista insistiu que a mistagogia **“não é uma moda”,** mas uma **expressão profunda da tradição da Igreja.**

Acrescentou que esta redescoberta ganhou novo impulso com o **Concílio Vaticano II** e com documentos posteriores da Igreja, reforçando a necessidade de **ligar a catequese à vida concreta.**

Neste contexto, alertou para o risco de reduzir a fé ao **conhecimento doutrinal,** defendendo uma visão mais integrada: **conhecimento, celebração, vida comunitária e experiência pessoal.**

### **Emaús como modelo para o catequista mistagogo**

Inspirando-se no episódio bíblico dos discípulos de Emaús, o padre Juan Freitas apresentou Jesus como modelo do catequista mistagogo: **“Jesus põe-se a caminho com estas pessoas”.**

Destacou, assim, um itinerário pedagógico marcado por várias etapas — **aproximar-se, acompanhar, escutar, questionar, anunciar, conduzir à celebração e saber retirar-se** — como chave para a missão catequética atual.

**“É bonito ver esta gradualidade [...] o grande desafio é acender corações”,** afirmou.

Destacou ainda a ligação entre catequese e liturgia, defendendo que a formação cristã não pode ficar limitada ao espaço da sala: **“a vida tem que ser uma experiência de comunidade”,** sendo a liturgia **“fonte e cume” da vida cristã.**

Recorreu à imagem do **papagaio de papel** como metáfora do percurso de fé, concluindo que **uma fé enraizada e vivida em comunidade permite “um voo bonito, um voo de vida”**.

O Encontro Nacional de Catequese abordou também as novidades editoriais para o setor e propôs, em estilo sinodal, um «Laboratório de Criatividade» em vista à “criação de dinâmicas, nas dioceses, para divulgar, conhecer e rentabilizar os materiais catequéticos”.

### **Na Eucaristia final, apelo a “lançar de novo as redes”**

Na Eucaristia de encerramento, **D. António Augusto Azevedo** sublinhou que toda a missão catequética deve ser vivida **em comunhão com a Igreja** e fundada na consciência de que **é Deus quem chama e envia**. **“Não vamos a título próprio”**, afirmou.

O prelado, inspirando-se na imagem da pesca abundante, destacou que a missão exige **confiança na ação de Deus**: **“Quando nos abrimos [...] os resultados [...] passarão a acontecer”**.

Neste sentido, apelou: **“lançar uma nova rede”** em cada tempo e contexto, sublinhando ainda a necessidade de **perseverança**, comparando com o pescador que sai todos os dias.

O bispo de Vila Real, evocando o Papa Francisco, reforçou a urgência de uma **renovação missionária**, marcada pela **coragem e esperança**. Apesar das dificuldades, destacou: **“os resultados [...] superam sempre muito das nossas expectativas”**.

Na parte final da homilia, destacou a centralidade da **Eucaristia** como **lugar de encontro com Cristo** e **fonte da missão**. **“O nosso trabalho na catequese [...] é sempre encontro à volta da mesa, à volta da Eucaristia”**, afirmou.

Por fim, deixou um apelo: uma catequese que conduza ao **encontro com Cristo**, gere **comunhão** e leve à **missão**. **“Jesus está também connosco e nos envia sempre em missão”**, concluiu.